

O SEGREDO MESSIÂNICO



NO EVANGELHO DE S. MARCOS

Maria Sara da Ascensão Renca

Introdução

Ao lermos o Evangelho de Marcos, damos-nos conta que, sempre que a identidade de Jesus está prestes a ser desvelada, Ele impede-o e impõe vários tipos de silêncio. Manda calar os demónios, e estes obedecem-lhe (1,25; 3,11-12); impõe o silêncio aos seus discípulos sobre o seu messianismo (8,30) e a sua transfiguração (9,10), e eles obedecem; finalmente, manda calar os que são testemunhas de alguns dos seus milagres, daqueles que têm carácter messiânico, mas não lhe obedecem: o leproso (1,44), na ressuscitação da filha de Jairo (5,43), o surdo-mudo (7,36) e o cego (8,26). Este silêncio contrasta claramente com o mandato de anunciar o Evangelho, depois da Páscoa (13,10; 14,9).

A ordem de manter o silêncio não pode ser justificada apenas pela necessidade de criar uma tensão narrativa até ao momento do desvelamento. Se atendermos a que o leitor implícito de Marcos é um leitor cristão, que já conhece a identidade de Jesus como Messias e Filho de Deus, a questão que se coloca não é: «Quem é Jesus?», mas sim: «Por que não se manifestou logo como Messias? Por que razão ocultou o seu messianismo?». Portanto, a tensão não é apenas do passado para o presente, mas também do presente para o passado, ou seja, a fé cristã deve voltar-se incessantemente para o ministério terreno de Jesus.

No presente trabalho, importa-nos perceber como a exegese marciana explicou e desenvolveu a temática do chamado segredo messiânicos, a isso dedicamos o primeiro ponto do nosso trabalho, intitulado **origem e desenvolvimento da teoria do segredo messiânico**. Todavia, o nosso interesse centra-se no segundo ponto, **ocultamento e desvelamento do segredo messiânico**, no qual se tenta mostrar como a obra marciana apresenta esta temática.

1. Origem e desenvolvimento da teoria do segredo messiânico

O segredo messiânico é uma das temáticas da obra de Marcos sobre a qual mais se tem discutido. A primeira abordagem foi feita pelo teólogo alemão W. Wrede, na sua obra intitulada «*Das Messiasgeheimnis in den Evangelien*», publicada em 1901¹, e deu origem à teoria do segredo messiânico. Para este autor, Jesus nem foi nem se considerou

¹ Cf. MONASTÉRIO, Rafael Aguirre; CARMONA, António Rodríguez – *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apostoles*. Navarra: ed. Verbo Divino, 1992, p. 150.

Messias. O messianismo foi uma criação da Igreja primitiva que, à luz da fé na ressurreição, viu em Jesus de Nazaré, primeiro o Messias futuro que havia de vir, e depois, retrospectivamente, foi projectando o messianismo no ministério público de Jesus. Surge assim a imagem de Jesus-Messias. Todavia, como esta imagem messiânica de Jesus não coincidia com a da tradição primitiva, que não o identificava dessa forma, a Igreja valeu-se da explicação do segredo messiânico para justificar esta contradição. O segredo messiânico seria assim uma representação teológica que não é da autoria do evangelista, embora ele tivesse um papel determinante na sua exposição e divulgação através do seu Evangelho, que não é história, mas teologia. Assim, o segredo messiânico faz parte de um sistema único, de carácter teológico, cuja finalidade é evidenciar que só a Páscoa permite conhecer a verdadeira identidade de Jesus².

Esta justificação do segredo messiânico caracteriza-se por ser totalizante e negativa. Totalizante, porque se recorre ao segredo para explicar todos os temas teológicos do Evangelho de Marcos, tentando explicá-los todos juntos. Negativa, porque considera o segredo um engano da comunidade primitiva, e literalmente contraditório, uma vez que apresenta várias contradições e acaba por ser quebrado³.

O segredo consta de três elementos⁴:

- o Ordem de guardar silêncio, dada aos curados, aos demónios e aos discípulos, cujo cumprimento é frequentemente impossível;
- o Repetidas alusões à incredulidade e incompreensão dos discípulos;
- o Referências às parábolas como método de ensino utilizado para o povo.

Os três elementos formam um conceito unitário e fechado.

A intuição de Wrede marcou profundamente a exegese posterior do Evangelho de Marcos. Houve várias tentativas de justificação do segredo messiânico⁵, depois dessa primeira percepção, entre as quais destacamos:

- o O segredo justificar-se-ia pelo facto de Jesus não se poder apresentar diante dos judeus como Messias sem os induzir a uma interpretação completamente errada da sua missão e da sua pessoa, podendo até provocar tumultos políticos que justificariam a intervenção dos romanos.

² Cf FUSCO, V. – Marcos. In *NUEVO Diccionario de Teologia Biblica*. Dir. P. Rossano, G. Ravasi, A. Giralnada. Madrid: ed. Paulinas, 1990, p. 113.

³ Cf. MONASTÉRIO - *Evangelios Sinópticos*, p.160.

⁴ Cf. GNILKA, Joachim – *El Evangelio Segun San Marcos. Mc 1-8,26*. Salamanca: ed. Sígueme, 1986, Vol I, p. 195.

⁵ Cf. GNILKA, Joachim – *El Evangelio Segun San Marcos*. Vol. I, p. 195-198.

○ O segredo messiânico tem a sua origem na concepção apocalíptica do Filho do Homem oculto.

○ Resulta da intenção de unir o kerigma helenístico do Filho de Deus que desceu à terra com a tradição do Jesus narrado. Parte do princípio de que, em todas as palavras atribuídas a Jesus, é aquele que agora está presente na comunidade e a quem esta reconhece como Messias e Senhor.

○ O segredo messiânico é um instrumento literário usado, sobretudo, para orientar o leitor do Evangelho na compreensão da glória de Jesus e da grandeza da revelação cristã da qual ele participa.

○ O evangelista utiliza o segredo messiânico para mostrar aos cristãos a razão pela qual os judeus não entenderam que Jesus era o Filho de Deus. Ou seja, só se chega à verdadeira identidade de Jesus pelo seu seguimento.

○ O segredo messiânico tem uma finalidade histórico-salvífica. Ou seja, por um lado, toda a história do Jesus histórico está orientada para a sua entronização como *Kyrios*. Por outro lado, justifica-se que a Igreja continue a anunciar a mensagem de Jesus, que ele só pode fazer de forma velada.

○ O segredo entende-se a partir da cruz. A cruz é central na cristologia de Marcos. A ideia de que o discípulo de Jesus tem de percorrer o mesmo caminho que Ele faz parte desta teologia da cruz. O segredo mostra que só é possível entender a revelação de Deus em Jesus seguindo-o, e por conseguinte, só depois da sua paixão.

A diversidade de argumentos para justificar o segredo messiânico mostra que estamos diante de uma matéria que não é consensual. A partir dos anos 70, deixou de se aceitar a explicação proposta por Wrede, como uma concepção totalizante e simples invenção da Igreja. Todavia, o segredo messiânico continua a ser um segredo⁶.

Os dados actuais da investigação apontam para uma explicação histórico-teológica, segundo a qual o segredo é uma realidade que verdadeiramente pertenceu ao ministério de Jesus, e Marcos transmite-o por motivos históricos e teológicos, por ser relevante para nós⁷.

⁶ Cf. MONASTÉRIO - *Evangelios Sinópticos*, p.162.

⁷ Cf. MONASTÉRIO - *Evangelios Sinópticos*, p.162.

2. Ocultamento e desvelamento do segredo messiânico

O facto do povo judeu, na sua maioria, ter recusado Jesus e a sua mensagem, chegando mesmo a pedir a sua crucifixão, sendo que, com o Messias, toda a história de Israel devia ter chegado ao seu ponto alto, à sua coroação final, é um problema trágico da história evangélica. De facto, Jesus evitou sempre apresentar-se como Messias. Só no final, quando entra triunfalmente em Jerusalém, se manifesta como tal (11,1-10). O mesmo acontece diante do Sinédrio, quando responde à pergunta do Sumo Sacerdote: «És Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?» (14,61-62), confessando abertamente o seu messianismo, o que levará os seus acusadores a condena-lo à morte.

Jesus impõe silêncio aos demónios, que dizem que Ele é o «Santo de Deus» (1,24); «o Filho de Deus» (3,11), o «Filho do Deus Altíssimo» (5,7), e faz o mesmo com enfermos depois de os curar, impede-os de divulgarem a notícia da sua cura (1,44; 5,43; 7,35; 8,26). A ordem de manter o silêncio é extensiva aos discípulos (8,30), depois de Pedro confessar que Ele é o Messias e depois da transfiguração (9,9). Esta atitude de Jesus encontra a sua justificação nas concepções de Messias que ao tempo existiam. A expectativa messiânica era vivida com grande tensão, por causa da opressão exercida pelos romanos. Aliás, o judaísmo era bastante plural no que se refere a esta matéria. Cada grupo tinha as suas ideias acerca do Messias. Os fariseus esperavam um Messias diferente do dos sacerdotes, ou dos essénios, por exemplo. Todavia, a grande maioria esperava um Messias que viria libertar Israel do domínio estrangeiro e restaurar o reino de David. As expectativas dos discípulos de Jesus não eram diferentes das da maioria dos seus compatriotas (Cf. 10,35-45). Estava absolutamente fora de cogitação a ideia de um Messias que haveria de sofrer e morrer pelos pecados do povo. A expectativa reinante era a de um Messias político, capaz de libertar o seu povo do jugo da potência estrangeira, uma figura puramente humana.

O messianismo de Jesus não era de todo compaginável com as expectativas da maioria dos seus contemporâneos. Não era sua intenção libertar Israel da opressão romana (Cf. 12,13-17), o seu reino não é deste mundo, para fazer parte dele é necessária a conversão, a renovação interior. Jesus veio para libertar o povo, não do domínio romano, mas do domínio do pecado. O desvelamento do seu messianismo provocaria um grande equívoco acerca da sua missão e da sua pessoa e aumentaria o risco de tumultos políticos, com a consequente intervenção romana. Daí que na sua pregação Jesus tenha evitado

sempre o título de Messias, designando-se a si mesmo «Filho do Homem», a que o povo não atribuiu qualquer conotação messiânica.

Em vez de se apresentar como Messias, Jesus começou por atrair o interesse dos seus ouvintes para o seu ensino, provocando a reflexão acerca da sua pessoa, através de milagres. No entanto, esta via não provocou a adesão dos judeus. Em relação aos escribas e fariseus, a rejeição de Jesus foi notória desde o início e acabou em conflito grave.

No que se refere ao povo, maravilhava-se com o seu ensinamento (1,22) e acorria em massa até Ele (Cf. 1,33.45), atraído pelos seus milagres. Mas por puro sensacionalismo e por interesse da ajuda material que recebia de Jesus. Não era a fé e a verdadeira compreensão da mensagem de Jesus que o movia.

Os milagres que Jesus faz são um meio para dar a conhecer a sua missão e a sua onnipotência, muito mais do que para restaurar a integridade do corpo. O segredo que impõe visa evitar uma falsa interpretação. Aliás, para os judeus, os milagres não eram uma marca especial do Messias, um profeta também os podia fazer, quanto ao Messias, esperava-se dele algo mais grandioso.

Por tudo isto, Jesus afastou-se totalmente do povo, para desvelar o mistério do seu messianismo unicamente aos seus discípulos⁸.

2.1. Caminho da Paixão. Jesus desvela o seu messianismo aos discípulos

O ponto mais alto e decisivo do Evangelho de Marcos acontece na conversa de Jesus com os seus discípulos a caminho de Cesareia. Estamos já na segunda parte do relato evangélico, marcada por uma descontinuidade. Jesus continua a caminhar, mas afastou-se totalmente do povo, para se dedicar exclusivamente ao ensino dos seus discípulos, a introduzi-los no mistério do seu messianismo. O tempo dos milagres passou, referem-se apenas dois. A centralidade do ensino vai agora para a sua pessoa, para o seu messianismo, do qual até agora tinha mantido absoluto silêncio.

Esta parte é marcada pelos três anúncios da paixão. O primeiro surge imediatamente a seguir à confissão de Pedro de que Jesus é o Messias. Jesus não é o Messias que o judaísmo, tal como os discípulos, esperava. Jesus não vai a Jerusalém para manifestar o seu reino, como pensavam os discípulos, mas para aí ser crucificado. É este

⁸ Cf. SCHMID, Joseph – *El Evangelio Según San Marcos*. Barcelona: ed. Herder, 1967, p. 228.

o verdadeiro mistério do seu messianismo, desvelado apenas aos discípulos e que deve ser mantido em absoluto segredo até que se tenha cumprido a profecia de Jesus.

Esta parte tem uma outra característica, o ensino aos discípulos sobre o próprio conceito de discípulo. Para ser discípulo não basta aderir a Jesus durante a sua vida, na verdade, quem o quiser seguir tem de negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo (8,34-38).

2.1.1. Confissão messiânica

A caminho de Cesareia, Jesus começa por lhes perguntar o que dizem as pessoas acerca da sua identidade. Na verdade, esta primeira pergunta serve apenas para introduzir uma segunda, que é a que verdadeiramente lhe interessa fazer. Além disso, mostra a separação nítida entre o povo e os discípulos.

Há uma correspondência exacta entre a resposta dos discípulos e aquilo que Herodes tinha ouvido acerca de Jesus (6,14). Ou seja, daquilo que viu e ouviu de Jesus, o povo está convicto de que Ele é um profeta, talvez mesmo Elias, como predecessor do Messias. Todavia, ninguém vê nele o próprio Messias, que se acreditava vir restaurar o reino de David.

Em nome dos discípulos, Pedro dá voz àquilo em que eles acreditavam: «Tu és o Messias» (8,29). Jesus não rejeita a resposta, aprova-a. Todavia, impôs silêncio absoluto acerca do assunto. Ninguém, para além dos discípulos, deve saber-lo. O seu messianismo deve permanecer oculto. Embora seja verdade que os discípulos não tenham ainda alcançado o mistério profundo do ser de Jesus, as palavras de Pedro, em nome dos Doze, traduzem verdadeiramente aquilo em que eles acreditam. Na verdade, tanto a pergunta de Jesus como a resposta de Pedro dizem respeito à missão de Jesus e não à sua pessoa. O título de Messias define de forma exacta, ainda que não a esgote, a sua missão⁹. O anúncio da paixão, colocado imediatamente a seguir à confissão messiânica, corrige a percepção que os discípulos têm relativamente ao Messias.

⁹ Cf. SCHMID – *El Evangelio Según San Marcos*, p. 225.

2.1.2. Primeiro anúncio da paixão

Mal os discípulos tinham acabado de confessar Jesus como Messias, foram imediatamente corrigidos por Jesus. De facto, as suas ideias acerca do messianismo que acabavam de confessar estavam longe do verdadeiro messianismo de Jesus. Por isso, Ele começou a desvelar-lho.

«Começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos-sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias. E dizia claramente estas coisas.» (8,31-32). Jesus deixa claro que o seu messianismo tem de passar necessariamente pelo sofrimento, pela morte e pela ressurreição. O caminho da sua glorificação passa pela morte. E serão justamente os dirigentes oficiais do seu povo, os sumos-sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei, que constituíam o Sinédrio (14,53) os que o condenarão e o entregarão à morte

A reacção dos discípulos ao que acabavam de ouvir do seu Mestre não se fez esperar. O impacto provocado por esta primeira notícia sobre a verdadeira essência do messianismo de Jesus não podia ser maior. Ficaram indignados. Pedro, em nome de todos, toma novamente a palavra e tenta persuadir Jesus a desistir da ideia da necessidade da sua morte. O seu comportamento valeu-lhe uma forte rejeição por parte de Jesus, diante dos outros discípulos. Com o seu pedido, Pedro transforma-se num tentador de Jesus, no próprio Satanás (8,33), porque se opõe à vontade de Deus. As ideias de Pedro e dos demais discípulos, relativamente ao Messias, são completamente distintas das do verdadeiro Messias. Esta incompreensão levá-los-á a abandonar o Mestre durante a sua paixão e a vacilarem na fé diante do escândalo da cruz. Aliás, o escândalo da cruz, da humilhação e da debilidade extremas, dão uma imagem de um Messias completamente «amessiânico»¹⁰, completamente incompreensível para os discípulos (14,27).

2.2. O caminho do seguimento de Jesus

Cesareia é um marco importante e necessário, todavia ainda não é suficiente. Começa, então, a segunda parte do relato, que a partir do primeiro anúncio da morte e ressurreição do Messias (8,31) nos conduz até à sua concretização.

¹⁰ SCHMID – *El Evangelio Según San Marcos*, p. 392.

Até à entrada em Jerusalém, Jesus está sempre a caminho, acompanhado pelos seus discípulos. Não se trata aqui apenas do caminho material, o seu sentido tem um alcance maior: o caminho que Jesus percorre à frente dos seus discípulos (10,32), a quem convida a segui-lo, é o caminho da cruz. O caminho é acompanhado pelo anúncio da paixão, reiterado 3 vezes (8,31; 9,31; 10,33-34). A reacção dos Doze é sempre a mesma, incompreensão e receio, mas Jesus encoraja-os sempre a seguirem-no: negar-se a si mesmo, carregar a cruz, perder a própria vida (8,34-9,1), ser o último e servo de todos (9,35); servir e dar a vida, tal como Jesus, que veio para servir e dar a sua vida em resgate de todos (10,42-45).

O seguimento de Jesus exige que se percorra o mesmo caminho que Ele próprio percorreu. Mas o seguimento, sendo tarefa, é também dom de Deus. O episódio da cura do cego Bartimeu, que depois de recuperar a vista «seguiu Jesus pelo caminho» (10,52), tem um valor simbólico que explicita esta mesma ideia. A cegueira pode ser vencida, o seguimento é possível, porque o Homem pode contar com a graça de Deus.

A cegueira humana só termina junto da cruz, precisamente quando Jesus morre, e é proclamado, sem qualquer reserva, Filho de Deus, diante de todos, antecipando de forma simbólica a proclamação pós-pascal da Igreja¹¹.

2.3. O segredo messiânico e o ensino em parábolas

«A vós é dado conhecer o mistério do Reino de Deus; mas, aos que estão de fora, tudo se lhes propõe em parábolas, para que ao olhar, olhem e não vejam, ao ouvir, oiçam e não compreendam, não vão eles converter-se e ser perdoados.» (4,11-12). É a explicação que Jesus dá relativamente ao sentido, não só da parábola que acabava de lhes contar, mas, indirectamente, de todas as parábolas¹².

Aos discípulos Jesus dá a conhecer o mistério do Reino de Deus, como o sugere o prefixo «a vós». O mistério é um dos temas que aparece frequentemente nos escritos apocalípticos e nos escritos de Qumran. Refere-se principalmente ao fim dos tempos, ou àquilo que Deus tem preparado para essa altura, e que ainda permanece escondido. A soberania de Deus está reservada para o final dos tempos. No final, toda a sua grandeza se manifestará. No tempo presente está velada, como mistério. Se admitirmos que é esta a interpretação que subjaz ao Evangelho de Marcos, podemos falar do mistério messiânico,

¹¹ Cf. FUSCO – Marcos, p. 119.

¹² Cf. GNILKA – *El Evangelio Segun San Marcos*. Vol I, p. 189-195.

ou do mistério do Filho de Deus. Aos discípulos Deus dá como dom esta visão. O que não significa que eles não possam opor-se a ela e que não tenham de superar a sua incredulidade, como vimos anteriormente. Bem pelo contrário, a sua falta de inteligência e de compreensão, sublinhadas pelo evangelista, mostram que o mistério divino excede largamente o entendimento humano.

A referência aos «que estão de fora» (4,11) revela uma clara distinção entre este grupo e o grupo a que pertencem os discípulos. Trata-se daqueles que se recusaram a acolher a mensagem de Jesus, os judeus. As parábolas não desvelam o segredo messiânico. Ao contrário, através delas, vela-se o mistério, não pela sua obscuridade ou complexidade, mas precisamente por causa da sua simplicidade. Porque um semeador sai a semear, e a nada mais. E isto significa o mundo novo de Deus. O sentido das parábolas só se torna perceptível a quem conhece o messianismo de Jesus, porque é o seu agir que torna presente o Reino de Deus. Esse conhecimento é dom de Deus, sem ele tudo permanece enigmático.

Conclusão

O relato de Marcos cumpre-se e completa-se plenamente no Messias crucificado e ressuscitado. Só um olhar retrospectivo, iluminado pela ressurreição, permite compreender o significado e o alcance do messianismo de Jesus. Por conseguinte, podemos afirmar que não há motivos sólidos para separar o presente do passado, a Igreja do Jesus histórico, como alguns tentaram fazer. O mistério de Jesus só é legível à luz da Páscoa; mas o que se torna legível à luz da Páscoa, o mistério de Jesus, é o mistério da cruz, é o que estava já presente na vida terrena de Jesus, mas não era compreendido. A tensão entre desvelamento e ocultamento deve ser entendida como uma tensão dentro de uma única cristologia, que une inseparavelmente o acontecimento pascal e a pessoa de Jesus.

Esta cristologia está estreitamente ligada a uma eclesiologia. Tudo se encaminha para a cruz e para a ressurreição, mas passando por Cesareia, passando pela experiência pré-pascal dos discípulos. Tudo aponta para o kerigma pascal, mas este kerigma, por sua vez, remete para o Jesus terreno unindo-se inseparavelmente a ele através dos Doze. É aqui que se fundamenta a unidade teológica e histórica de Marcos. Podemos assim afirmar que carece de sentido a distinção entre o Jesus da história e o Cristo da fé, como por vezes se afirmou na exegese deste Evangelho.

Bibliografia

FUSCO, V. – Marcos. In *NUEVO Diccionario de Teologia Biblica*. Dir. P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlanada. Madrid: ed. Paulinas, 1990.

GNILKA, Joachim – *El Evangelio Según San Marcos. Mc 1-8,26*. Salamanca: ed. Sigue-me, 1986, Vol I.

MONASTÉRIO, Rafael Aguirre; CARMONA, António Rodríguez – *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Navarra: ed. Verbo Divino, 1992.

SCHMID, Joseph – *El Evangelio Según San Marcos*. Barcelona: ed. Herder, 1967.

Índice

Introdução	1
1. Origem e desenvolvimento da teoria do segredo messiânico	2
2. Ocultamento e desvelamento do segredo messiânico	4
2.1. Caminho da Paixão. Jesus desvela o seu messianismo aos discípulos	5
2.1.1. Confissão messiânica	6
2.1.2. Primeiro anúncio da paixão	7
2.2. O caminho do seguimento de Jesus	7
2.3. O segredo messiânico e o ensino em parábolas	8
Conclusão	9
Bibliografia	10
Índice	11